

## PESQUISA E AFETIVIDADE: RELATO DE EXPERIÊNCIA A PARTIR DE ESTÁGIO EM PRÁTICAS INVESTIGATIVAS

Laís Coutinho de Jesus<sup>1</sup>  
Marina Assis Pinheiro<sup>2</sup>  
Síntria Labres Lautert<sup>3</sup>

### RESUMO

O presente trabalho visa relatar uma experiência de Estágio Básico de Observação (EBO) do curso de Psicologia na área de práticas investigativas, que ocorreu no laboratório de estudos sobre Dialogia, Experiência Estética e Criatividade (DEC), coordenado por Marina Assis Pinheiro na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Essa modalidade de estágio surgiu na UFPE em 2021, visando oferecer ao estudante a possibilidade de aproximação com essa prática do profissional de psicologia. Além disso, é uma opção de estágio remoto interessante para a formação do psicólogo e compatível com as condições de ensino em tempos pandêmicos. O objetivo deste estudo é compreender a relação existente entre afetividade e a prática de pesquisa dos estudantes de doutorado do DEC, através dos registros de observação realizados no período do EBO. A partir das experiências dos doutorandos, foi possível perceber a motivação que fomenta suas atuações, além do vínculo afetivo que perpassa toda a pesquisa, desde a escolha do objeto pesquisado e metodologia à execução do projeto e escrita da tese. Diante disso, a experiência de estágio proporcionou a percepção da relação indissociável entre pesquisa, motivação e afetividade.

**Palavras-chave:** Estágio de Observação, Pesquisa, Motivação, Afetividade.

### INTRODUÇÃO

O presente artigo é advindo de uma experiência de Estágio Básico de Observação da graduação em Psicologia na área de práticas investigativas, que ocorreu no laboratório de estudos sobre Dialogia, Experiência Estética e Criatividade (DEC) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). O DEC estuda e pesquisa diversos aspectos da criatividade, considerando-a enquanto um processo subjetivo de natureza afetiva e cognitiva, que transforma a alteridade objetiva do mundo através da unicidade cultural da relação eu-outro-mundo (PINHEIRO; SIMÃO, 2020; PINHEIRO, 2021). O laboratório é coordenado pela Dr<sup>a</sup> Marina Assis Pinheiro, docente da pós-graduação em Psicologia Cognitiva da UFPE e durante

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, [lais.coutinjoj@ufpe.br](mailto:lais.coutinjoj@ufpe.br);

<sup>2</sup> Docente do Departamento de Psicologia, supervisora de Estágio Básico de Observação, Docente do Programa de Pós-graduação em Psicologia Cognitiva – UFPE e coordenadora do Laboratório de Estudos da Dialogia, Experiência Estética e Criatividade (DEC), [marina.pinheiro@ufpe.br](mailto:marina.pinheiro@ufpe.br);

<sup>3</sup> Docente do Departamento de Psicologia, orientadora de Estágio Básico de Observação e Docente do Programa de Pós-graduação em Psicologia Cognitiva - UFPE, [sintria.lautert@ufpe.br](mailto:sintria.lautert@ufpe.br).

o momento do estágio contava com cinco estudantes de doutorado elaborando os seus projetos sob orientação da referida professora. Apesar de diversificados temas e focos de estudo (entre eles, jogos de *videogame*, estudantes com Transtorno do Espectro Autista e oficinas terapêuticas) a criatividade era o elemento em comum que emergia em todas as pesquisas dos doutorandos, cada um dentro da sua perspectiva. Nas reuniões semanais do laboratório, estavam presentes os cinco estudantes de doutorado, sete estagiárias (todas realizando Estágio Básico de Observação), por vezes alguns alunos e/ou professores convidados e a coordenadora do DEC.

A modalidade de estágio denominada “práticas investigativas” surgiu no ano de 2021, como possibilidade de estágio remoto, no contexto da pandemia provocada pelo Covid-19. É sabido que este vírus é altamente contagioso e, por tal motivo, foi recomendado o isolamento social, no qual, aqueles que puderam, trabalharam a partir de suas casas. Na UFPE, o ensino remoto foi implantado em 2021, sendo realizada a oferta de estágios obrigatórios na graduação em Psicologia, atendendo às normas de estágios aprovadas pelo Colegiado do Curso para esse período. Com alta demanda de estudantes precisando cumprir essa carga horária do estágio e vagas insuficientes nas instituições veiculadas à universidade, surgiu o estágio em práticas investigativas a partir de iniciativas do Serviço de Psicologia Aplicada e de laboratórios como o DEC. É válido destacar que este campo de estágio é disposto em conformidade à normativa do Conselho Federal de Psicologia (CFP) sobre estágios em contexto remoto (CFP, 2020). Desse modo, o objetivo da experiência era oferecer – de maneira remota - ao graduando a imersão e a prática nessa possibilidade de atuação do psicólogo: a pesquisa e a carreira acadêmica.

No estágio em práticas investigativas no DEC, a estagiária acompanhava as reuniões semanais do laboratório, pesquisas que a supervisora estava desenvolvendo, além de aproximar-se do projeto de um dos doutorandos através de uma entrevista com o mesmo. É primordial ratificar que essa modalidade de estágio surge como solução proveitosa para um momento desafiador e confere ao estudante possibilidades de práticas até então não disponíveis na universidade. Isso porque, até o presente momento, a maioria dos estágios obrigatórios em Psicologia ocorria em escolas, hospitais, clínicas ou centros de atenção psicossocial. Nesse contexto, é possível perceber a crise como uma oportunidade à criação de alternativas, considerando o trabalho do pesquisador como uma prática profissional específica e pervasiva bidirecionalmente com o saber-fazer do psicólogo. A docência e a pesquisa se configuram enquanto possibilidade de atuação desse estudante que se forma, então, é essencial que a ele também seja garantida a oportunidade de estagiar nesse ambiente, com

vistas a conhecer o seu perfil. Diferentemente de atividades como a iniciação científica e prática de pesquisa, o EBO em práticas investigativas se constituiu como uma janela imersiva sobre a vida no laboratório, sobre os desafios de ser pesquisador e as relações transformativas entre as práticas profissionais dos pesquisadores e os diálogos com o fazer científico.

Ao longo da experiência, foi possível observar e conhecer elementos do universo investigativo, por exemplo, a afetividade que interpela e influencia as escolhas do pesquisador ao iniciar um projeto de pesquisa. No contexto do laboratório, observou-se a motivação intrínseca e os afetos que direcionavam os estudantes de doutorado em suas relações com os objetos pesquisados. Diante do que foi exposto, o presente estudo tem como objetivo compreender a relação existente entre afetividade e a prática de pesquisa dos estudantes de doutorado do DEC, a partir dos registros de observação realizados no período do Estágio Básico de Observação.

## **MOTIVAÇÃO, AFETIVIDADE E PESQUISA**

Num contexto político-social de ausência de estímulos à pesquisa, estudar a motivação que impulsiona e sustenta os pesquisadores atuais se mostrou interessante. Segundo Todorov e Moreira (2005), os primeiros estudos da motivação surgiram na psicoterapia, psicometria e aprendizagem. Isso porque, os profissionais dessas diferentes áreas utilizavam muito o conceito durante a sua atuação, seja para motivar um cliente, para testar seu desempenho ou estimulá-lo a aprender. No seu estudo, Todorov e Moreira (2005, p. 123) apresentaram diversos conceitos de motivação e um deles foi selecionado de acordo com os objetivos desse artigo, sendo citado a seguir:

“Sempre que sentimos um desejo ou necessidade de algo, estamos em um estado de motivação. Motivação é um sentimento interno, é um impulso que alguém tem de fazer alguma coisa (Rogers, Ludington & Graham, 1997, p. 2)”.

Assim, compreende-se a motivação enquanto um motivo ou um sentimento que nos leva a fazer algo, que impulsiona e dá direção a uma ação. Nesse sentido, pensar sobre as motivações dos pesquisadores corresponde à reflexão acerca daquilo que os leva a colocar uma pesquisa em prática e sobre a justificativa da escolha de um tema de estudo em detrimento de outro.

É sabido que a motivação pode se dar de maneira intrínseca e extrínseca. Na primeira, a motivação surge de forma espontânea, a partir de curiosidades pessoais, de esforços inatos e necessidades psicológicas, enquanto na segunda, o estímulo é proveniente do ambiente

(REEVE, 2006). A grande diferença entre os dois tipos motivacionais está na origem que impulsiona o comportamento, sendo uma psíquica e singular ao ser e outra culturalmente sugerida, canalizada. É válido ressaltar que as dimensões intrínsecas e extrínsecas da motivação não fazem delas processos excludentes ou independentes, uma vez que o sujeito se constitui culturalmente e a cultura é transformada pelo campo acional dos indivíduos. Uma pessoa que realiza uma atividade motivada intrinsecamente, geralmente o faz porque gosta daquilo, se sente bem e realizada ao executar a ação. A observação dos elementos intrínsecos de cada pesquisador nos possibilita enxergar forte mobilização de afetos e particularidades da subjetividade de cada um. Sobre o tema, Thomas (2002, p. 116) como citado em Todorov e Moreira (2005, p. 123) afirma que “[...] motivação intrínseca ocorre quando três ‘estados psicológicos’ estão presentes: ‘experiência significativa do trabalho’, ‘experiência da responsabilidade pelos resultados do trabalho’ e ‘conhecimento dos resultados reais do trabalho’.” (tradução livre).

A afetividade é compreendida aqui enquanto um elemento de dimensão matriz motivacional, como aquilo que nos move, de maneira positiva ou negativa, à realização de algo. Martino *et al* (2018) dissertam sobre a presença desse elemento na decisão do pesquisador sobre o objeto que será analisado ao fazer um estudo com pesquisadores de iniciação científica da Faculdade Cásper Líbero. Eles entrevistaram os participantes com o objetivo de compreender elementos subjetivos presentes nas suas escolhas do objeto de pesquisa e na definição do referencial teórico. Os resultados apontam que uma proximidade pessoal e o conhecimento prévio acerca de uma temática podem influenciar no interesse de pesquisar sobre ela. Por exemplo, acompanhar determinado tema dentro do seu ambiente social, futuramente, pode desencadear no interesse em realizar uma pesquisa sobre o mesmo. Outrossim, participantes do estudo costumaram pesquisar sobre objetos que os afetavam de alguma maneira, como uma mulher que pesquisou sobre construção da identidade feminina no contexto de um seriado que ela assistiu (MARTINO *et al*, 2018). Percebe-se, então, como o gosto e o contato prévio podem influenciar-nos a pesquisar sobre um assunto específico. Em suma, o estudo expõe o seguinte: a afetividade se apresenta enquanto um elemento que norteia toda a prática do pesquisador.

Branco e Rocha (1998, p. 252) postulam que os pesquisadores constroem seus dados a partir do “universo de significados por eles construídos acerca da realidade”. Em outras palavras, as autoras expõem que a produção da pesquisa e construção de conhecimento se dá de modo interativo entre o pesquisador, a sua subjetividade e o objeto pesquisado. É como propõem Kindermann e Valsiner (1989), como citado em Branco e Rocha (1998): “Os dados

são construídos através da derivação de conhecimentos selecionados e generalizados dos fenômenos observados, de acordo com os pressupostos teóricos dos pesquisadores”. Assim, compreende-se o pesquisador como alguém imbricado naquilo que pesquisa, que faz uso de suas preconcepções sobre o tema ao decidir estudá-lo. As autoras também ilustram o ciclo metodológico de Valsiner, que entende a metodologia de pesquisa como um processo cíclico, que situa a experiência intuitiva no centro, como elemento que se relaciona com a teoria, os métodos, dados, as suposições sobre o mundo e o fenômeno em si (BRANCO; ROCHA, 1998). Em suma, a ilustração do ciclo de Valsiner (2012) possibilita o entendimento da intuição do pesquisador como aspecto central e norteador da dinâmica construtiva da sua pesquisa.

É relevante refletir, também, acerca da relação que o pesquisador cria com esse objeto de pesquisa, concebido a partir do seu organismo afetivamente motivado. É notável que aspectos conscientes e inconscientes do pesquisador interagem de maneira ativa com o fenômeno pesquisado (PENNA, 2007), isto é, a subjetividade do investigador interfere diretamente na sua escolha do objeto, bem como no processo da pesquisa. Nesse contexto, Penna (2007) diz que ao escolher um tema para a pesquisa, é possível observar um vínculo pesquisador-pesquisado, uma vez que a sua pergunta de pesquisa representa o “desconhecido” que ele tem curiosidade de desvendar. Sobre isso, a autora disserta:

Na 1ª etapa – escolha do tema a ser pesquisado, formulação do problema e estabelecimento dos objetivos – a relação entre o pesquisador e seu objeto de investigação – o símbolo – já é permeada por fatores inconscientes, tais como expectativas e fantasias em relação ao objeto, assim como uma certa fascinação pela incógnita que o símbolo produz (PENNA, 2007, p. 133).

Assim, é plausível afirmar que o símbolo, ou seja, o objeto de investigação escolhido pelo pesquisador se configura como algo que o fascina, desperta curiosidades, intriga e instiga. Ele sente a necessidade de descobrir as variadas nuances existentes no fenômeno e, provavelmente, ao cabo da pesquisa, sente-se gratificado por enfim responder aos seus questionamentos, até que surjam outros novos. Dessa maneira, evidencia-se a impossibilidade de cogitar uma neutralidade entre pesquisador e pesquisado, uma vez que, desde a escolha do tema, o investigador já é completamente afetado e imbricado pela temática que optou por estudar.

## **METODOLOGIA**

O aporte metodológico desse estudo se baseia na análise de registros de observação científica do ambiente, construídos ao longo do estágio nas reuniões semanais do laboratório de pesquisa. Os registros foram desenvolvidos por 10 semanas nas reuniões do DEC, nos encontros de supervisão para acompanhamento das atividades de estágio e no exercício da entrevista. Todos esses encontros ocorriam virtualmente, através da plataforma do *Google Meet* e constavam de discussões sobre temas tangenciais às pesquisas dos estudantes de doutorado, debates sobre os projetos de cada um e orientações da docente sobre as pesquisas.

A observação é um instrumento fundamental para a Psicologia, devendo estar presente ao longo de toda a formação acadêmica do profissional dessa área. Sobre o tema, Marconi e Lakatos (2003, p. 190) dissertam:

“A observação é uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se desejam estudar.”

Dessa forma, é primordial para o estudante de psicologia desenvolver habilidades de observação, pois esta se apresenta enquanto uma rica forma de apreensão e compreensão dos fenômenos que circundam a atividade desse profissional, seja ele um pesquisador ou não. Isso porque a observação é uma técnica que deve constar em qualquer avaliação psicológica, acompanhada da aplicação de testes psicológicos e da entrevista. Assim, é crucial que o psicólogo desenvolva esse olhar ao longo de sua formação.

A modalidade de observação desenvolvida ao longo do estágio foi a observação assistemática, participante, em equipe e em um modelo atual que Mónico *et al* (2017) nomeiam de etnografia virtual, pois é realizada online. Classifica-se como assistemática porque, a princípio, não houve estruturação prévia da observação, nem tampouco foi determinado o que seria observado. O exercício foi espontâneo e realizado através de encontros com o DEC. Outrossim, ao mesmo tempo em que se observou, também interagiu-se no ambiente, pois foi realizada uma imersão ao longo da observação do espaço. Dito isto, para fins de análise serão exibidos extratos de alguns registros de observação, visando ilustrar e debater a partir do referencial teórico apresentado *a priori*.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesse momento, serão elencados extratos de alguns registros de observação produzidos pela estagiária, que abordam dados observados nas apresentações dos projetos de doutorado

dos orientandos em reuniões do DEC, bem como a experiência entrevistar um deles, em um momento à parte. Todos os nomes foram modificados de modo a garantir o sigilo e os extratos apresentados no Quadro 1 foram selecionados para ilustrar o que esse estudo pretende demonstrar: a relação entre a afetividade e pesquisa.

**Quadro 1: Extratos dos registros de observações realizados no DEC.**

Nº do Registro	Atividade desenvolvida no estágio	Extrato do Registro
Nº 7	Observação da apresentação do projeto da estudante de doutorado Carla.	Carla disse que a origem do seu interesse no tema surgiu nas experiências de estágio, primeiro no Ulisses Pernambucano e, segundo, no Núcleo de Atenção Psicossocial. Ela conta que acompanhou oficinas terapêuticas nos estágios. O tema do seu projeto de doutorado é: Processos Criativos no Contexto da Saúde Mental: a perspectiva do psicólogo e usuário em oficinas terapêuticas.
Nº 10	Observação da apresentação do projeto do estudante de doutorado Luís.	Luís conta que se propôs a estudar a criatividade a partir dos <i>Choice Driven Games</i> <sup>4</sup> e depois comenta que joga desde pequeno. Atualmente, ele é designer e trabalha com jogos digitais. O tema do seu projeto de doutorado é: Os Processos Criativos na interatividade dos <i>Choice Driven Games</i> : uma perspectiva dialógica das relações do jogo e do jogador.
Nº 16	Entrevista à estudante de doutorado Joana.	Na entrevista, Joana conta que iniciou a graduação em Pedagogia e logo depois começou a estagiar em uma escola de educação infantil. Neste estágio, ela acompanhou uma criança de 4 anos com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA). Em seguida, saiu da escola e continuou acompanhando essa mesma criança no Centro de Desenvolvimento Infantil (CDI) <sup>5</sup> , onde ela trabalha atualmente. Hoje, essa criança tem 15 anos e ela vai fazer a sua pesquisa de doutorado com ele. Além disso, Joana relata que durante a graduação fez monitorias, projetos de iniciação científica e participou de grupos de estudo sobre a temática da inclusão. O tema do seu projeto de doutorado é: Autismo e Intersubjetividade: um estudo sobre as relações eu-outro-mundo nos ambientes de aprendizagem de um adolescente.

<sup>4</sup> Os *Choice Driven Games* são jogos de *videogame* que conferem ao usuário um papel mais central na trama, pois permitem diferentes narrativas e finais a partir das escolhas do jogador.

<sup>5</sup> O Centro de Desenvolvimento Infantil (CDI) é um espaço privado transdisciplinar especializado no atendimento de crianças com Transtorno do Espectro Autista e atrasos no desenvolvimento (CDI, 2016).

Quando Carla apresentou o seu projeto na reunião do laboratório, o primeiro ponto trazido por ela foi a justificativa da escolha pelo tema, que, como apontada no registro de número 7, surgiu a partir de experiências de estágio. Ao estagiar, ela teve seu primeiro contato com a prática de oficinas terapêuticas, o que lhe despertou certa curiosidade sobre a técnica. É válido ressaltar que a oficina terapêutica tornou-se algo que cativava a sua atenção, onde ela podia perceber a expressão do mundo íntimo dos sujeitos. Isso corresponde ao que Martino *et al* (2018) mostraram na sua pesquisa com os pesquisadores de iniciação científica, ou seja, o contato prévio com um tema pode influenciar a decisão do sujeito sobre o seu objeto de pesquisa. Carla havia estagiado em um local que ofertava oficinas terapêuticas aos pacientes e isso a trouxe curiosidades de pesquisa, que ela pretende desvendar no doutorado, com o tema: Processos Criativos no Contexto da Saúde Mental: a perspectivação do psicólogo e usuário em oficinas terapêuticas.

Também se mostra interessante refletir sobre o relato de Luís, que pesquisa sobre o tema: Os Processos Criativos na interatividade dos *Choice Driven Games*: uma perspectiva dialógica das relações do jogo e do jogador (Registro 10). Ele busca estudar a criatividade do jogador que, no momento do jogo, cria narrativas e toma decisões a partir do que emerge na partida. É evidente a afetividade por trás do seu tema, visto que ele joga *videogames* desde a infância. No momento da apresentação, o próprio discurso dele foi muito implicado afetivamente, ao relatar, por exemplo, que passava horas jogando na casa da sua avó quando pequeno. Ao observar o relato expresso por Luís, é possível perceber a motivação intrínseca (REEVE, 2007) movendo o seu trabalho, uma vez que o seu interesse pelo objeto surgiu de uma curiosidade pessoal, por ser algo que ele fazia desde a infância. Além disso, a motivação extrínseca também se faz presente porque o tema da sua pesquisa participa do seu campo de atividades profissionais como designer e professor de desenvolvimento de jogos digitais. Ainda hoje, ele trabalha com jogos e faz uso deles no seu tempo de lazer também, ilustrando que esse é um objeto que permeia sua vivência de maneira muito afetiva.

A entrevista realizada com Joana foi um momento pensado pela supervisora do estágio, para proporcionar às estagiárias uma melhor compreensão sobre o entrelaçamento entre vida acadêmica, vida pessoal e profissional de um pesquisador. Joana é formada em Pedagogia pela UFPE e agora está realizando o doutorado com o seguinte tema: Autismo e Intersubjetividade: um estudo sobre as relações eu-outro-mundo nos ambientes de aprendizagem de um adolescente (Registro 16). Na entrevista, ela relatou que entrou na universidade em 2009 e, ainda no início do curso, se envolveu em projetos de iniciação científica, monitoria e grupos de estudo sobre o tema da inclusão. Além disso, começou a



estagiari numa escola de educação infantil, onde acompanhou um estudante de 4 anos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Posteriormente, Joana saiu da escola e passou a acompanhar essa mesma criança no Centro de Desenvolvimento Infantil (CDI), onde entrou como estagiária e trabalha até hoje. Esse estudante que ela acompanhou na educação infantil hoje tem 15 anos e nele se centra a pesquisa de doutorado de Joana.

A percepção de Todorov e Moreira (2005) sobre motivação, ou seja, enquanto um motivo ou um sentimento interno que nos leva a fazer algo se mostra muito presente na trajetória de Joana. A sua vivência com o autismo, que teve início em 2009, hoje se transforma em sua pesquisa de doutorado, doze anos depois. A escolha do TEA em detrimento de outros temas, como postulam os autores, diz muito a respeito do percurso subjetivo da pesquisadora, ou seja, o que ela vivenciou até o momento atual justifica a sua escolha pelo tema. Além disso, o seu interesse, assim como o de Luís, se caracteriza enquanto uma motivação intrínseca, visto que surgiu de maneira espontânea, a partir de suas curiosidades pessoais despertadas ao longo do estágio.

Nesse contexto, é possível afirmar que a motivação intrínseca de Joana traz os três estados psicológicos descritos em Todorov e Moreira (2005): “experiência significativa do trabalho”, “experiência da responsabilidade pelos resultados do trabalho” e “conhecimento dos resultados reais do trabalho”. Isso porque ela traz no seu discurso o significado que esse trabalho tem para ela, é com uma criança que ela acompanha desde 2010, então não tinha como não ser permeado por afeto e significado. Por esse mesmo motivo e pela conexão que ela possui com a criança, é possível inferir que Joana se coloca muita responsabilidade pelos resultados da sua pesquisa, além de ser sua tese de doutorado. Por fim, ela saberá como ninguém os resultados reais do trabalho, conhecerá profundamente cada aspecto estudado, justamente por ser o autismo um tema que a mobiliza há certo tempo.

Diante do que foi exposto, é viável também destacar o vínculo que existe entre a pesquisadora em questão e o seu objeto de estudo. Segundo Penna (2007), o pesquisador possui certo fascínio por aquilo que ele pesquisa, porque aquilo não só lhe fascina, como também desperta curiosidade para compreender o “desconhecido”. No caso de Joana, o desconhecido é a relação intersubjetiva no processo de aprendizagem de um adolescente com autismo e esse é um tema que lhe cativa, porque desde o início da graduação ela se interessa por investigar, aprofundar e compreender as nuances do Transtorno do Espectro Autista. Assim, fica evidente também o vínculo que ela possui com o que pesquisa, ou seja, a criança que ela acompanha há 11 anos. Como supracitado, o trabalho de Martino *et al* (2018) ilustrou a “proximidade pessoal” e o contato há certo tempo que os entrevistados tinham com o objeto

como estímulo para desenvolvimento da pesquisa. Com base em tudo que foi exposto, é possível perceber o mesmo a respeito da experiência de Joana em sua pesquisa. Seus aspectos motivacionais estão relacionados à confinidade que ela tem com o tema - autismo - e o contato que ela possui há um bom tempo também. É evidente que o objeto escolhido por ela se configura como algo que a fascina, intriga, instiga e desperta curiosidade, mais uma vez correspondendo ao que Penna (2007) explanou.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, o artigo objetivou relatar a experiência de EBO em práticas investigativas e as reflexões que foram construídas sobre o exercício do pesquisador neste contexto. Os relatos de Carla, Luís e Joana, mesmo com suas diferenças acerca do campo de pesquisa, ilustram bem que a motivação que os pesquisadores desenvolvem funciona como uma força motriz que os impulsiona para atingir seus objetivos de pesquisa. Ademais, a relação que os três doutorandos estabelecem com o seu objeto é permeada de vínculos significativos, que dizem respeito às suas trajetórias e caminhos percorridos até o doutorado. Por fim, é possível afirmar que ao existir um vínculo pesquisador-objeto pesquisado, não há como evitar a emergência da afetividade na relação, na construção e execução da pesquisa. Não há ato cognitivo dissociado de afeto<sup>6</sup>. Isto é, não existe pesquisa, sem pesquisador e, sendo este um ser humano, não existe pesquisador sem afetividade. É evidente que a afetividade é uma característica inerente à condição humana e, sem ela, os investigadores não teriam nem motivação, nem estímulo e nem encontrariam sentido em seguir pesquisando.

## REFERÊNCIAS

BRANCO, A.; ROCHA, R. F. A Questão da Metodologia na Investigação Científica do Desenvolvimento Humano. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 14, n. 3, p. 251-258, Set-Dez 1998.

CDI. **Site do CDI**, 2016. Centro de Desenvolvimento Infantil. Disponível em: <https://cdifloortime.com.br/>. Acesso em: 14 jul. 2021.

CFP. **Práticas e estágios remotos em psicologia no contexto da pandemia da Covid-19: Recomendações**. 1ª ed. Brasília: CFP, 2020. 62p.

---

<sup>6</sup> PINHEIRO, M. Laboratório de Dialogismo, Experiência Estética e Criatividade - comunicação pessoal, 2021.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2003, p. 186-195.

MARTINO, L. M. S. *et al.* Iniciação científica e epistemologia da comunicação: subjetividade e afetividade na pesquisa. **Revista Observatório**, v. 4, n. 6, p. 574-596, 8 out. 2018.

MÓNICO, L. *et al.* A Observação Participante enquanto metodologia de investigação qualitativa. Coimbra: **Atlas**, v. 3, 2017.

PENNA, E. M. Pesquisa em psicologia analítica: reflexões sobre o inconsciente do pesquisador. **Boletim de psicologia**. São Paulo, v. 57, n. 127, p. 127-138, dez. 2007.

PINHEIRO, M. A.; SIMÃO, L. M. Creativity and Fiction: Interpretative Horizons on the Emergence of the New in the Relationship Between Individual and Culture. **Integrative Psychological and Behavioral Science**, v. 55, n. 1, p. 1-17, 2020.

PINHEIRO, M. A. Psicologia, Arte e Vida: O cotidiano como gestação do inédito. *In*: Ana Maria A Mello; Izabel Hazin. (Org.). **Nordeste Criança: Olhares da Infância**. 1ª ed., 2021, v. 1, p. 36-44.

REEVE, J. **Motivação e Emoção**. 4ª ed. Texas: LTC, 2006, 376p.

TODOROV, J. C.; MOREIRA, M. B. O conceito de motivação na psicologia. **Revista brasileira de terapia comportamental e cognitiva**. São Paulo, v. 7, n. 1, p. 119-132, jun. 2005.

VALSINER, J. **Fundamentos da Psicologia Cultural: Mundos da mente, mundos da vida**. 1ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2012. 352p.